EuroDefense Portugal

NEWSLETTER

NÚMERO 24 | FEV 2023

A MARCA DE UM ANO
Página 2

UM CONTINENTE FORJADO EM CRISE
Página 3

OCIDENTE UNIDO, DIVIDIDO DO RESTO
Página 4

UM ANO DE GUERRA ENTRE A RÚSSIA E A UCRÂNIA
Página 6

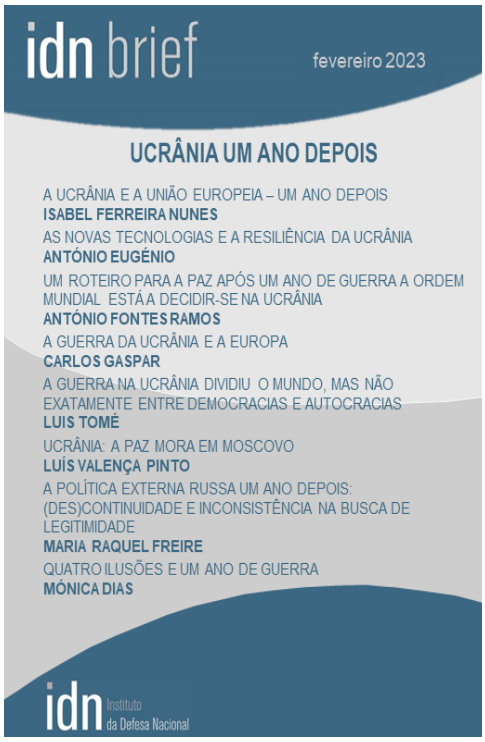
A Ucrânia e a União Europeia – Um Ano Depois

Face à invasão da Ucrânia pela Rússia, a resiliência do sistema de alianças euro-atlântico afigura-se como uma consequência positiva de um trágico erro histórico de Moscovo, ao invadir a Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022. A perceção de uma ameaça existencial à unidade territorial da Ucrânia e à integridade da segurança da Europa veio reafirmar a identidade fundacional da segurança e defesa europeias, no contexto da Aliança e da União Europeia (UE). O poder de contenção da ameaça de ambas aumentou na proporção das suas capacidades de dissuasão económica, conjugando restrições financeiras, embargos tecnológicos, proibição de exportações e importações e medidas de dissuasão militar dos países aliados da OTAN e países amigos do Indo-Pacífico. O reforço da cooperação entre organizações formais como a UE, a OTAN e a ONU, associações de Estados como o G7 e o G20 e o apoio bilateral dos EUA, Reino Unido e Japão, vieram demonstrar o potencial estratégico da unidade e solidariedade das maiores economias do mundo, manifesta na concertação de posições contra o Estado agressor. Esta frente unida de organizações e Estados, que se reinventou na tomada de decisão e ação, é o melhor garante da preservação dos princípios do direito internacional, dos valores democráticos e de uma economia global, que se pretende próspera e aberta. Este projeto global contrasta com a velha ordem de Moscovo, que peleja pela instauração de um sistema político fechado, apoiado por Estados-satélite dependentes e por uma política externa assente no determinismo revisionista, que atenta contra o princípio da soberania dos Estados e o direito à unidade e integridade estratégica euro-atlântica. O revisionismo da Rússia da Europa Oriental ao Levante e Sahel veio recentrar a identidade coletiva e defensiva da Aliança, assente na mutualização dos riscos de segurança e defesa entre velhos e novos aliados (Suécia e Finlândia), num momento de incerteza estratégica. A UE adquiriu uma legitimidade internacional reforçada pela coordenação de posições e ações entre as instituições europeias, ancorada numa abordagem valorativa à segurança, no princípio da sua indivisibilidade, no emprego do seu peso económico-financeiro, no enfrentamento a uma potência global europeia e mobilizando o interesse de países como a Ucrânia, Geórgia e Moldávia sobre uma eventual integração na União.

A imposição de um regime de sanções à Rússia, na sequência da invasão da Ucrânia e do reconhecimento de uma alegada independência das províncias de Donetsk e Luhansk, marcou o primeiro passo de uma série de ações restritivas que, nas palavras do Josep Borrell e Ursula von der Leyen, comportam uma medida de coerção económica e sinalizam a vontade coletiva de defesa de um sistema normativo, político e económico global. Num ano, a UE adotou dez pacotes de sanções restritivas, em estreita coordenação com as Nações Unidas e o G7, com o objetivo de limitar a capacidade de Moscovo financiar a guerra; agravou os custos políticos e económicos dos apoiantes do governo de Vladimir Putin; limitou a ação de indivíduos e entidades, incluindo veículos de desinformação e limitou a base político-económica russa no apoio à guerra.

Isabel Ferreira Nunes
Diretora do Instituto da Defesa Nacional

* *O artigo completo faz parte integrante do IDN Brief de fevereiro de 2023, publicado pelo Instituto da Defesa Nacional*



IDN Brief | Ucrânia Um Ano Depois

A invasão em grande escala da Rússia na Ucrânia continua a ter repercussões na política global

Os aniversários devem ser comemorados, mas alguns são lembranças dolorosas de eventos que provocaram mudanças profundas.

Para a segurança nacional dos Estados Unidos, 7 de dezembro de 1941, quando Pearl Harbor foi atacado, e 11 de setembro de 2001, são datas que vêm logo à mente. O dia 24 de fevereiro de 2022 será aquele que vive "na infâmia", para os ucranianos e muitos outros. O ano passado testemunhou um cenário político e económico global fundamentalmente alterado, com impacto em países, regiões e instituições multilaterais tão variados quanto as próprias entidades.

A invasão em grande escala da Ucrânia pela Rússia traumatizou novamente os países europeus já assombrados pela Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria. O sistema internacional pós-1945 vacilou por algum tempo, mas as suas falhas foram mais evidentes recentemente. Sem surpresa, os países que moldaram o sistema interpretaram a violação do direito internacional e humanitário pela Rússia como uma ameaça direta à estabilidade global e à sua própria segurança. Para alguns desses países, a ameaça continua existencial.

A Rússia sofreu mais mortes em combate na Ucrânia no primeiro ano da guerra do que em todas as suas guerras juntas desde a Segunda Guerra Mundial, de acordo com uma nova análise do dispositivo da força e das operações militares das unidades russas e ucranianas. A taxa média de soldados russos mortos por mês é pelo menos 25 vezes o número de mortos por mês na Chechênia e 35 vezes o número de mortos no Afeganistão, o que destaca a dura realidade de uma guerra de atrito.

Os militares ucranianos também tiveram um desempenho notável contra um exército russo muito maior e inicialmente mais bem equipado, em parte devido à inovação das suas forças.

O general prussiano e teórico militar Carl von Clausewitz escreveu que a guerra é cheia de imprevisibilidade e que "na guerra, mais do que em qualquer outro lugar do mundo, as coisas acontecem de maneira diferente do que esperávamos". Basta perguntar aos líderes políticos e militares russos encarregados da guerra na Ucrânia hoje.

Um dos quebra-cabeças mais interessantes é como a Ucrânia - que tem um exército significativamente menor, capacidades militares mais fracas, uma base industrial de defesa limitada e uma economia menor - foi capaz de neutralizar uma blitzkrieg russa e, em seguida, conduzir uma série de contra-ataques às forças russas.

A influência da geografia e da capacidade convencional

Durante décadas, os militares russos enfrentaram o mesmo problema: como superar a profundidade estratégica da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) num momento de paridade nuclear estratégica. No final da era soviética, isso foi feito construindo um grande número de forças terrestres para superar as defesas preparadas. Em 2008, a Rússia reduziu drasticamente as suas forças terrestres na esperança de que um ataque de longo alcance pudesse compensar a falta de forças no terreno numa guerra regional. Desde então, os estrategistas russos concentraram-se nas formas e meios pelos quais a Rússia pode conduzir ações ofensivas em toda a extensão da NATO sem um grande número de forças terrestres. Em 2021, a Rússia ainda dependia até certo ponto de armas nucleares não estratégicas para combates regionais.

Food for Thought

Um ano de guerra convencional travada no continente europeu entre dois grandes países, incluindo uma potência nuclear, é obviamente um divisor de águas histórico para a NATO e toda a área euro-atlântica, cujas implicações estratégicas ainda não foram totalmente avaliadas.

O conflito já destruiu uma série de expectativas amplamente compartilhadas na Europa Ocidental, incluindo as ideias de que Putin não teria invadido toda a Ucrânia, que as sanções ocidentais teriam paralisado a sua capacidade de travar uma campanha militar prolongada ou que os europeus teriam diminuído o seu apoio militar à Ucrânia durante o primeiro inverno de guerra. Dada a "névoa de guerra" em curso e a incerteza sobre os cenários futuros, talvez seja muito cedo para identificar lições para os aliados e os seus militares.

Ucrânia – danificada, mas não derrotada

Quando Vladimir Putin enviou forças russas através da fronteira ucraniana em 24 de fevereiro de 2022, ele claramente esperava uma vitória rápida com consequências negativas limitadas para a Rússia. Ele provavelmente acreditava que os EUA – já parecendo fracos depois de sua ignominiosa retirada do Afeganistão – concordariam com a remoção da soberania da Ucrânia e concederiam a esfera de influência na Europa que a Rússia almejava. Após um ano de guerra, ele não obteve sucesso, mas também não perdeu. A guerra, no entanto, teve grandes efeitos na Ucrânia, Rússia e outras potências e organizações, incluindo a UE e a NATO.

As consequências mais graves foram inevitavelmente para a Ucrânia. Quase 20% do seu território está agora ocupado (incluindo a Crimeia e as áreas do Donbass que estão sob ocupação russa desde 2014).

Avaliação da Europa um ano após a guerra

O Contexto da Guerra

Quase um ano depois que a Rússia invadiu a Ucrânia, a Europa continua sendo um continente em guerra. Os historiadores provavelmente verão 2022 como um ano crucial, semelhante a 1989 e 2001 - anos que marcaram o fim de uma era e o início de uma nova fase histórica. A resposta da Europa à guerra mudou o continente.

As mudanças no ano passado foram realmente dramáticas. Países com uma longa história de neutralidade repentinamente procuraram juntar-se à aliança militar da NATO. Quase da noite para o dia, o Reino Unido, aparentemente irreparavelmente envolvido com o investimento e a influência russa, expulsou os oligarcas russos e a sua riqueza. A Alemanha anunciou uma nova era, investiu maciçamente em defesa, enviou armas para a Ucrânia e acabou com a sua profunda dependência do gás natural russo. A União Europeia mostrou-se um ator geopolítico, implementando sanções económicas massivas e, pela primeira vez, fornecendo biliões de euros em assistência à segurança letal.

Apesar da ilegalidade, absurdo e natureza criminosa do seu esforço, Putin demonstrou não aceitar a derrota na Ucrânia. Pelo contrário, desde o inverno de 2022, ele prepara uma ofensiva de primavera. As dimensões desses preparativos, incluindo centenas de milhares de soldados recém-mobilizados, são enormes, o que sugere que uma ofensiva rivalizando com a invasão de fevereiro de 2022 está em formação.

A preparação desta "invasão 2.0" inclui a preparação da população russa para o que os propagandistas russos chamam de "segunda Estalinegrado" da Rússia e "batalha final da Rússia pela sobrevivência". Até agora, o programa de propaganda tóxica do Kremlin parece conseguir aplacar o "partido da guerra", manter os "conformistas" inertes e isolar o "partido da paz".

O ponto autoinfligido de desintegração ou colapso da Rússia ainda não chegou. No entanto, independentemente do resultado da invasão russa da Ucrânia, a Rússia está testemunhando um desastre disfarçado. Portanto, consideramos a ofensiva de primavera de Putin uma última chance desesperada de aumentar as oportunidades a seu favor na Ucrânia. Será o teste decisivo do regime de Putin, pois o novo ataque à Ucrânia determinará o resultado da guerra na Ucrânia e o futuro do Putinismo.

A guerra na Ucrânia: dez consequências

1) A unidade europeia tem sido impressionante, mas muitas tensões escondem-se sob a superfície;
2) A guerra fortaleceu a Comissão Europeia;
3) A unidade transatlântica está bem, por enquanto;
4) A defesa europeia progrediu;
5) A Rússia enfraquecerá gradualmente;
6) As relações da China com o Ocidente tornaram-se mais tensas;
7) Grande parte do 'sul global' discorda do Ocidente sobre a guerra na Ucrânia;
8) A guerra reforçou a defesa da autonomia económica europeia e das cadeias de abastecimento mais seguras;
9) A guerra levou a alguma europeização da política energética e impulsionará os planos da UE para a descarbonização;
10) A guerra criou as condições nas quais o Reino Unido e a UE poderiam engendrar uma reaproximação.

Como o Kremlin emprega operações de informação para corroer a confiança global na Ucrânia

No período que antecedeu a invasão da Ucrânia pela Rússia em fevereiro de 2022, o Kremlin e os seus representantes perpetraram operações de informação para justificar a ação militar contra a Ucrânia, mascarar o seu planeamento operacional e negar qualquer responsabilidade pela guerra. Assim que a guerra começou, a Rússia expandiu a sua estratégia com ênfase adicional em minar a capacidade de resistência da Ucrânia na esperança de forçar o país a render-se ou entrar em negociações nos termos da Rússia. Essa expansão estratégica incluiu esforços para manter o controle da informação e apoio ao esforço de guerra em casa, minar a resistência ucraniana, fragmentar o apoio à resistência ucraniana entre aliados e parceiros, especialmente na região imediata, e envolver-se em operações de informação agressivas internacionalmente para moldar a opinião pública sobre a guerra de agressão da Rússia, inclusive na África e na América Latina.

Opinião pública global um ano após a guerra da Rússia na Ucrânia

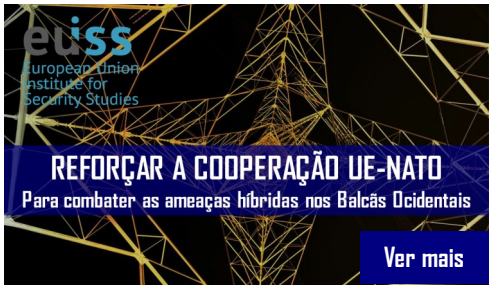
Um ano após a invasão da Ucrânia pela Rússia, há poucas dúvidas de que a guerra é um ponto de viragem na história mundial. O conflito desafiou as suposições mais básicas dos europeus sobre a sua segurança, trouxe o espectro do confronto nuclear de volta ao seu continente e interrompeu a economia global, deixando crises energéticas e alimentares no seu rasto. No entanto, embora a agressão da Rússia seja um evento de importância global, pessoas em diferentes partes do mundo a vivenciaram e a interpretaram de diversas maneiras. De acordo com um ex-assessor de segurança nacional do primeiro-ministro da Índia, "em muitas partes do globo, um ano de guerra na Ucrânia fez menos para redefinir a ordem mundial do que para deixá-la ainda mais à deriva, levantando novas questões sobre quão urgentes os desafios internacionais podem ser superados." Em contraste com a opinião do Ocidente, as pessoas em muitos países não ocidentais parecem acreditar que a era pós-Guerra Fria acabou. Eles não esperam que a próxima ordem internacional seja caracterizada pela polarização entre dois blocos liderados pelos Estados Unidos e China, em vez disso, eles veem como mais provável uma fragmentação num mundo multipolar.

A necessidade de uma grande estratégia

Ninguém pode ignorar as duras realidades que a Ucrânia enfrenta neste inverno e na primavera. As forças ucranianas saíram-se bem com o apoio externo em 2022, e a Rússia sofreu perdas importantes tanto no campo de batalha quanto nas sanções económicas impostas pela Europa, Estados Unidos e outras potências. No entanto, declarações como as feitas pelo general Mark A. Milley, chefe do Estado-Maior Conjunto, sugerindo que a Rússia está perdendo precisam ser colocadas num contexto cuidadoso.

O general Milley declarou num discurso recente que "a Rússia é agora um pária global e o mundo continua inspirado pela bravura e resiliência ucranianas. Em suma, a Rússia perdeu. Eles perderam estrategicamente, operacionalmente e taticamente. Afirmou ainda no Financial Times que "será quase impossível para os russos alcançar os seus objetivos políticos por meios militares. É improvável que a Rússia invada a Ucrânia. Isso simplesmente não vai acontecer.

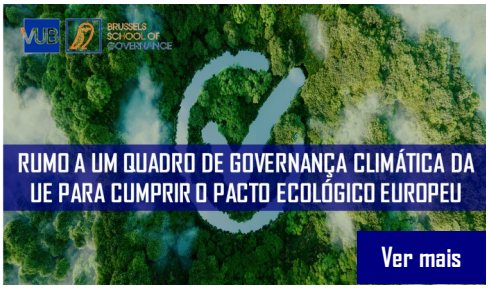
Tais declarações podem ter a intenção de aumentar o moral, mas subestimam grosseiramente os desafios que a Ucrânia enfrenta agora, bem como os desafios que os EUA e os seus parceiros europeus enfrentam na criação de uma nova estrutura de segurança na Ucrânia e na Europa.



Na sequência da sua terceira Declaração Conjunta, assinada em janeiro de 2023, a UE e a NATO confirmaram que "alcançaram resultados tangíveis no combate às ameaças híbridas", enquanto pretendem levar a sua "parceria para o nível seguinte com base numa cooperação de longa data». A guerra em curso na Ucrânia ilustra o facto de que as ameaças híbridas se tornaram parte integrante da guerra contemporânea, que cada vez mais combina ferramentas convencionais e não convencionais de interferência com efeitos letais. Não existe uma definição comum de ameaças híbridas e a principal responsabilidade de lidar com elas é do país-alvo. No entanto, isso não impede que a UE e a NATO combinem as suas capacidades e conhecimentos para desenvolver, adaptar e adequar as suas ferramentas para ajudar os seus Estados-Membros e parceiros a enfrentar uma gama crescente de ameaças híbridas.

O que as forças armadas da NATO devem aprender com a defesa interna da Ucrânia

A Rússia continua a sua guerra de agressão contra a Ucrânia, mas as suas forças já foram derrotadas. Contra a resistência dos ucranianos e o apoio dos seus aliados, a Rússia não alcançou quase nenhum dos seus objetivos militares. Evidentemente, a Ucrânia prevalecerá. Os ucranianos deixaram claro: a agressão russa é derrotável. Isso se deve a dois motivos principais: o envolvimento de toda a sociedade ucraniana na defesa da pátria e as excelentes habilidades militares e de liderança das Forças Armadas ucranianas. Bravura extraordinária, criatividade, pragmatismo surpreendente e habilidades de improvisação têm estado na vanguarda dos defensores da pátria ucraniana. Em todo o mundo, todos os atores podem e devem aprender com os ucranianos sobre o futuro da defesa militar e civil.



A UE e os seus Estados-membros enfrentam o desafio de acelerar a transição para a neutralidade climática e as emissões negativas de gases de efeito estufa (GEE) em tempos cada vez mais turbulentos. Mas o desafio de governar a transição climática e energética vai muito além da eliminação gradual das emissões de GEE. Dada a urgência, dinamismo, complexidade, contencioso e natureza transversal e de longo prazo do desafio climático "super perverso", a governança da transição climática requer esforços sustentados, abrangentes e integrados em todos os campos políticos relevantes e em toda a sociedade. Para o efeito, a UE precisa de conceber processos políticos, estruturas e instituições que capacitem os sistemas políticos democráticos na Europa para responderem eficazmente ao desafio climático (doravante referido como o "quadro de governação climática da UE").

O discurso do presidente

O discurso proferido pelo presidente ucraniano Volodymyr Zelensky pouco antes da invasão russa. Kiev (Ucrânia, 24 fevereiro 2022).
"Compartilhamos uma fronteira de mais de 2.000 km. Seus soldados estão estacionados ao longo de toda a fronteira, quase duzentos mil soldados e milhares de veículos militares. Seus líderes decidiram dar um passo à frente e entrar no território de outro país. Esse único passo pode ser o início de uma grande guerra no continente europeu. O mundo inteiro está falando sobre o que pode acontecer no dia-a-dia. O pretexto para uma guerra pode surgir a qualquer momento. Qualquer provocação, qualquer acidente, pode ser a centelha de um incêndio que tudo queima. Foi-vos dito que esta chama trará a libertação ao povo ucraniano. Mas o povo ucraniano é livre. Lembre-se do seu passado e construa o seu futuro. Eles constroem, não destroem, como eles mesmos disseram dia após dia na televisão. A Ucrânia das notícias e a Ucrânia da vida real são dois lugares completamente diferentes, e a diferença é que a última é real. Eles dizem que somos nazistas. Mas como um povo que perdeu oito milhões de vidas derrotando os nazistas pode apoiar o nazismo? Como posso ser nazista? Mas como um povo que perdeu oito milhões de vidas derrotando os nazistas pode apoiar o nazismo? Como posso ser nazista? Diga isso ao meu avô, que lutou na Segunda Guerra Mundial na infantaria soviética e morreu como coronel numa Ucrânia independente. Dizem que odiamos a cultura russa. Como você pode odiar uma cultura? Alguma cultura? Os vizinhos sempre enriquecem as culturas uns dos outros. No entanto, não fazemos parte de um todo. Não podemos ser engolidos. Nós somos diferentes. Mas essa diferença não é motivo de inimizade. Queremos traçar o nosso rumo e construir a nossa história: num mundo pacífico, calmo e honesto."

Quais são as implicações da guerra na Ucrânia para as diferentes dimensões dos assuntos internacionais?

O impacto da guerra é tanto de relevância urgente quanto de consequências de longo prazo. As tensões entre as grandes potências aumentaram, as placas tectónicas geopolíticas estão mudando, a ordem energética internacional está sendo derrubada, as cadeias de abastecimento de alimentos foram interrompidas, a economia global está enfrentando fortes ventos contrários, países e regiões frágeis estão sendo expostos a choques múltiplos e a governança multilateral está vacilando, à medida que as desconexões normativas vêm à tona. A guerra na Ucrânia afeta o futuro de diferentes maneiras. Por um lado, acelerou os padrões de mudança que o antecederam, incluindo a competição entre as grandes potências, o ativismo de médio poder e a crise do multilateralismo. Por outro lado, a agressão da Rússia introduziu grandes descontinuidades, como desencadear uma crise energética global, fraturar a ordem de segurança europeia e desencadear ameaças nucleares por parte da Rússia. Além disso, a guerra desviou o foco dos desafios críticos, como o desenvolvimento sustentável e as mudanças climáticas, ao mesmo tempo em que agravou esses desafios direta e indiretamente.
O que temos pela frente é uma terra incógnita – uma paisagem estratégica que escapa a comparações com fases históricas anteriores. Embora a competição geopolítica não seja novidade, mesmo que tenha diminuído por algumas décadas, os riscos que ela representa são aumentados pelo fato de estar surgindo em um momento de transições de poder e interdependência econômica, tecnológica e ecológica sem precedentes. No entanto, ao enfrentar os desafios geopolíticos e administrar a competição multidimensional, ao mesmo tempo em que busca promover uma ordem internacional baseada em regras, a liderança pode fazer uma diferença decisiva na determinação de caminhos distintos para o futuro.

2023 provavelmente será um ano turbulento para a União Europeia. A guerra da Rússia na Ucrânia continuará sendo o principal desafio para o país e os seus aliados ocidentais. Como o Kremlin continua a usar todas as armas disponíveis para perseguir a sua agenda revisionista, o fardo da guerra e as necessidades de recuperação do pós-guerra irão intensificar-se com o prolongamento do conflito.
Ao mesmo tempo, a UE tem de lidar com as tensões emergentes nas suas relações com os EUA, que ameaçam minar o recente regresso transatlântico.

Mapeando o custo da Não-Europa 2022-2032

A integração europeia tem sido crucial para impulsionar o crescimento económico por meio século, gerando ganhos significativos no produto interno bruto (PIB) e prosperidade social para os Estados-Membros da UE. Uma das conquistas marcantes da Europa é o mercado único, que afeta e gera benefícios para milhões de empresas e consumidores todos os dias. Este projeto por si só promoveu uma expansão de 6% a 8% no PIB da UE que não teria sido alcançada de outra forma.